

DESCONSTRUÇÃO EMANCIPATÓRIA: A
DESCONSTRUÇÃO DE JACQUES DERRIDA
COMO CONTINUIDADE TEÓRICA DA DIALÉTICA
NEGATIVA EM THEODOR ADORNO

Emancipatory deconstruction: the deconstruction
of Jacques Derrida as a theoretical continuity
of negative dialectics of Theodor Adorno

Cleyton Murilo Ribas
Doutorando em Educação pela UFSC
Professor Colaborador da Universidade Do Contestado

RESUMO

O artigo analisa a produção conceitual de um dos mais importantes filósofos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno, e a relação existente entre o seu conceito de Dialética Negativa com o construto teórico pós-estruturalista de Jacques Derrida. Na primeira parte do trabalho, apresenta-se o ponto de partida que ambos os teóricos possuem, a leitura marxiana da realidade e suas influências marxistas, pela qual a discussão identitária terá relevante influência. No segundo momento, o trabalho expõe o conceito de “différance” vinculado ao de Desconstrução derridiano, com o propósito de preparar território para a análise comparativa do terceiro e do quarto momento da pesquisa, nos quais são reconstituídos os fundamentos da não-identidade adorniana na defesa do panorama educacional emancipatório.

PALAVRAS-CHAVE:

Derrida. Adorno. Desconstrução. Emancipação. Dialética Negativa.

ABSTRACT

The article analyzes the conceptual production of one of the most important philosophers of the Frankfurt School, Theodor Adorno, and the relationship between his concept of Negative Dialectics with the poststructuralist theoretical construct of Jacques Derrida. The first part of the work presents the starting point that both theorists have the Marxist reading of reality and Marxist influences, by which the identity discussion will have significant influence. In the second stage, the work exposes the concept of “différance” linked to the Derridean Deconstruction, aiming to prepare the territory for the comparative analysis of the third and fourth moment of the survey, in which are reconstituted the grounds of Adorno’s non-identity in defense of the emancipatory educational context.

KEYWORDS:

Derrida. Adorno. Deconstruction, Emancipation. Negative Dialectics.

1.0 INTRODUÇÃO

Na obra “Espectros de Marx” de 1993, Derrida problematiza uma das principais teses disposta por Karl Marx e pelo *marxismo em decomposição* sobre a relação entre teoria e prática, qual seja: como o discernimento e a interpretação do mundo se concretizam no processo de transformação do mesmo. Segundo a ótica derridiana, a voz política de Marx constitui um fantasma que continua a proferir seu parecer politizado, sendo sua continuidade crucial para o combate ao processo de alienação do sujeito das sociedades capitalistas liberais. Tal continuidade é traduzida no processo de *Desconstrução*, conceito fundamental no desmantelamento das armações ontológicas tradicionais da razão centrada no sujeito.

Em *Espectros de Marx*, a espectralidade é o viés estratégico que a desconstrução assume. Partindo da experiência do indecidível, Derrida promove nesse livro o retorno a Marx, estruturando mais uma cadeia textual do discurso desconstrutivo, uma espectrografia. (SKINNER, 2001, p. 65)

Na mesma direção marxiana, porém cronologicamente anterior, pode-se encontrar um grupo de teóricos precursores da retomada da crítica marxista à estrutura monolítica da sociedade – o Instituto de Pesquisa Social. Fundado na década de 20, na cidade de Frankfurt, este agrupamento de intelectuais estabelecia uma tentativa de criar um novo paradigma capaz de repensar criticamente a vida social marcada pelos antagonismos do sistema capitalista. Dentro desta perspectiva, os escritos sobre a formação do sujeito político de Adorno ganham notoriedade na medida em que a educação é apresentada como processo emancipatório.

Tomando como pressuposto a própria consideração de Derrida sobre a influência que sua teoria recebeu da Escola de Frankfurt, especialmente de Theodor Adorno, o presente texto visa relacionar Teoria Crítica e Pós-estruturalismo nos parâmetros da pesquisa em educação, especialmente na identidade e na não-identidade do sujeito político na sua tarefa de transformar o mundo. Os dois autores criticam a exclusão inerente aos processos civilizatórios da razão instrumental e defendem a multiplicidade do pensamento e das realidades, devendo estas ser móveis, dialéticas e indissolúvelmente ligadas à crítica e à autorreflexão.

2.0 DESENVOLVIMENTO

2.1 DERRIDA, HERANÇA ADORNIANA E DESCONSTRUÇÃO:

Qualquer comparação realizada entre Derrida e Adorno demanda a referência do texto “*Fichus: discours de Francfort*”¹, pronunciado no discurso de agradecimento que Derrida fez ao receber o prêmio *Adorno*². Neste pronunciamento, Derrida cita um trecho da obra “*Mínima Morália*” para expor seu vínculo e sua herança recebida da teoria adorniana, baseada na descrença pelo projeto da modernidade e na premissa da necessidade da consciência reflexiva:

1 *Fichus: discours de Francfort*, Galilée, Paris 2002.

2 Prêmio instituído pela cidade de Frankfurt concedido a cada três anos aos destaques intelectuais. Antes de Derrida, outros teóricos importantes foram premiados: Norbert Elias (1977), Jürgen Habermas (1980), Günther Anders (1983), Michael Gielen (1986), Leo Löwenthal (1989), Pierre Boulez (1992), Jean-Luc Godard (1995) e Zygmunt Bauman (1998).

Se alguém desperta em pleno sonho, até no mais desagradável, sente-se desiludido, como se tivesse sido enganado para seu bem. Sonhos felizes, realizados, existem, de fato, tão poucos como, na expressão de Schubert, música feliz. Até ao mais belo é inerente, qual mácula, a sua diferença da realidade, a consciência da simples aparência do que ele garante. Por isso, os sonhos mais belos parecem estropiados. Esta experiência está insuperavelmente plasmada na descrição do teatro ao ar livre de Oklahoma, em *América de Kafka*. (ADORNO, 1992, p.102)

A exegese derridiana da realidade, dos valores tradicionais e da ordem estabelecida pela sociedade moderna estabelece a teoria da Desconstrução como estratégia de operação no discurso estabelecido, como método de superação da irracionalidade da razão. A caracterização crítica do que Derrida chama de logocentrismo é o alvo da desconstrução. A presença do discurso (*logos*) pretensamente não desdobrado, pleno e imparcial é a base da tradição instrumental da razão, desvelada no apontamento das ambiguidades e incompatibilidades da sociedade consumista, não apenas dela, mas dela também.

Um dos exemplos da crítica derridiana à ambiguidade da razão instrumental é expresso no conceito de “différance”. Na língua francesa, de acordo com a norma culta, o termo correspondente para expressar o vocábulo *diferença* é “différence”. O problema encontra-se na manifestação fonética, pois a troca realizada no neologismo de Derrida – *différance* – não interfere na língua falada, apenas no registro escrito. O equívoco fonético proposital inverte o valor da representação da fala pela escrita. A letra “a” não se ouve, permanece silenciosa, discreta e secreta. Como consequência, consolida-se a crítica ao aspecto fonético da gramática tradicional. O silêncio exigido pela estrutura da razão não possui sentido no discurso de neutralidade da ordem estabelecida.

Por analogia, a teoria da “différance” apregoa a impossibilidade do sujeito ser autor e senhor do discurso que produz³. Por conseguinte, o ato de definir um conceito também se revela impossível. Todo discurso é heterônimo e predeterminado, aceito pelo interlocutor e reproduzido pelo comunicante.

3 “Nada – nenhum ente presente e indiferente [*indifférent*] – precede, pois, a *différance* e o espaçamento. Não existe qualquer sujeito que seja agente, autor e senhor da *différance*, um sujeito ao qual ela sobreviria, eventualmente e empiricamente. A subjetividade – como a objetividade – é um efeito de *différance*, um efeito inscrito em um sistema de *différance*”. (DERRIDA, 2001, p.34)

Tal polissemia inerente à interpretação textual individual carrega como consequência a efemeridade do conceito de identidade do sujeito. Desta maneira, “différance” constitui o ato de diferir de si, através do tempo, e de se diferenciar ou, até mesmo, de se opor ao outro. A pluralidade do “eu” em relação às outras pessoas e sua não coincidência consigo mesmo durante sua própria existência acarretam determinações sociais relevantes.

Dentre as consequências da influência da “différance” no panorama coletivo, pode-se destacar a análise dos fundamentos das instituições sociais básicas como o Direito e a Política. Segundo Derrida, estas instituições estão fadadas a seguir a autoridade e ao misticismo de suas relações, alicerçadas principalmente na tradição metafísica da justiça, na qual a autoridade se legitima pela determinação da força e da violência no controle de interpretação das regras.

A solução derridiana proposta à superação do logocentrismo metafísico dos discursos e ao estabelecimento da justiça não autoritária do Direito é a análise das camadas textuais dos principais paradigmas estruturalistas vigentes – a Lei constitucional e o discurso velado em sua leitura mística e ideológica da realidade. O teórico franco-argelino concebe a linguagem como construto básico do que se remeta a alguma estrutura de representação. Por conseguinte, o processo de desconstrução dos conceitos ganha relevância, pois dele pode-se garantir a possibilidade da justiça por meio (modificação aceita) da revelação dos múltiplos significados impostos pela tradição intelectual.

2.2 ADORNO, EMANCIPAÇÃO E DIALÉTICA NEGATIVA:

Os escritos de Theodor Adorno sobre educação são marcados pelo intenso processo de compreensão da “barbárie” proporcionada pelo projeto iluminista da razão. A propensão de destruição que o ser humano desenvolve em si, aliada à teoria do progresso do esclarecimento, resultou (modificação aceita), segundo a principal tese adorniana, nos campos de concentração nazistas. O fim da ideologia totalitarista é proposto pela teorização sociológica da educação enquanto processo emancipatório. Os combates à reprodução tecnicista e à unidade totalitária formam os pilares da função sociológica da educação adorniana.

Os sistemas dominantes e suas ideologias baseadas no capitalismo são resultados dos escritos iluministas e do conceito de dialética hegeliano. Esta dialética também é chamada de Dialética Positiva por Adorno, e visa à identidade

do sujeito de modo sistemático e reducionista. Desta forma, não há espaço para o heterogêneo nem ao diferente, que é violentado em uma lógica da exclusão. Por sua vez, o teórico de Frankfurt apresenta sua própria dialética – a negativa – fundamentada na consciência da não-identidade, destituída de qualquer natureza de síntese ou exclusão.

A não-identidade como essência da Dialética Negativa preconiza um requisito teórico fundamental – a descaracterização do conceito enquanto determinação de unidade. O pensamento não pode ser igual ao pensado em uma totalidade objetiva. A coisa em si não é idêntica ao seu conceito⁴. Qualquer tentativa de tornar aparentemente idêntico *conceito e objeto / coisa e pensamento* é ideológica. Os conceitos, segundo Adorno, já estão implicitamente concretizados pela linguagem em que estão imersos. Assim, a neutralidade da linguagem, enquanto organização e expressão do pensamento é impossível. O pensamento por si mesmo passa a representar um contato com outros textos impostos na tradição, em uma metodologia de repetição e reprodução das estruturas lógicas já consolidadas pela exclusão e fomentação do poder.

A alternativa apresentada por Adorno para construir uma identidade social subjetiva e autônoma encontra-se no aparato individual da autorreflexão, referida como procedimento capaz de superar o paradoxo do conceito e do discurso reprodutório pretensamente objetivo e verdadeiro:

O trabalho da autorreflexão filosófica consiste em destrinçar tal paradoxo. Todo o resto é designação, pós-construção, hoje como nos tempos de Hegel algo pré-filosófico. Uma confiança como sempre questionável no fato de que isso é possível para a filosofia; no fato de que o conceito pode ultrapassar o conceito, os estágios preparatórios e o toque final, e, assim aproximar-se do não-conceitual: essa confiança é imprescindível para a filosofia e, com isso, parte da ingenuidade da qual ela padece. De outra forma, ela precisaria capitular, e, com ela, todo espírito. Não se poderia pensar a mais simples operação, não haveria nenhuma verdade, e, em um sentido enfático, tudo não seria senão nada. Todavia, aquela parte da verdade que pode ser alcançada por meio dos conceitos, apesar de sua abrangência abstrata, não pode ter nenhum

⁴ “Seu nome (dialética) não diz inicialmente senão que os objetos não se dissolvem em seus conceitos, que esses conceitos entram por fim em contradição com a norma tradicional da *adaequatio*.” (ADORNO, 2009, p.12,(modificação aceita))

outro cenário senão aquilo que o conceito reprime, despreza e rejeita. A utopia do conhecimento seria abrir o não-conceitual com conceitos, sem equipará-lo a esses conceitos. (ADORNO, 2009, p.16-17,)

O projeto da Dialética Negativa é, portanto, o reconhecimento que o discurso não tem condições de adequar-se ao seu objeto de modo transparente e neutro. Por intermédio(modificação aceita) deste procedimento negativo, figura-se a crítica à ideologia metafísica de dominação. Tal abordagem direciona-se sobre o que há de mais constitucional no contexto histórico da Teoria Crítica – o combate à reprodução de teorias, à massificação dos sujeitos e à repetição da barbárie desumanizadora, Auschwitz. Nesse ínterim, o processo educacional recebe uma consideração significativa, pois surge como única ferramenta efetiva contra o panorama totalitário exclusório do capitalismo. O ponto de convergência entre autorreflexão do sujeito e superação social da barbárie passa a possuir na autonomia do educando seu princípio norteador.

O efeito emancipatório do processo formativo prescreve a quebra de paradigmas tradicionais do sistema educacional. A heteronomia baseada na obediência irrefletida à autoridade não disponibiliza condições de desenvolvimento autônomo. Combatem-se os resquícios do positivismo como processo (de)formativo do indivíduo do ensino estruturalista, enquanto prática de subjugamento do sujeito, padronizado na alienação cultural hegemônica. Cabe à emancipação desenvolver o processo de individuação por meio de experiências que corroborem a subjetividade do conhecimento⁵.

2.3 TABUS, DESCONSTRUÇÃO E AUTORREFLEXÃO:

Na contextualização da educação na modernidade, sua crise e exigência da construção de uma subjetividade particular, retoma-se nesta seção a teoria

⁵ Enquanto as escolas adestram as pessoas no uso da fala, assim como na prestação dos primeiros socorros às vítimas de trânsito e na construção de planadores, os alunos emudecem cada vez mais. Eles são capazes de fazer conferências, suas frases qualificam-nos para o microfone diante do qual se veem como representantes da média das pessoas, mas a capacidade de falarem uns com os outros se atrofia. Pois esta pressupõe ao mesmo tempo experiências dignas de serem comunicadas, liberdade de expressão, independência e, ao mesmo tempo, relacionamento. (ADORNO, 1992, p. 120)

dos Tabus da educação de Adorno, comparando-se com a teoria da “différance” e da premente Desconstrução derridiana como superação do indivíduo socialmente reificado. É válido ressaltar que tanto Adorno como Derrida teorizam sobre a busca de uma racionalidade diferente daquela imposta pela estrutura social capitalista, considerada por ambos irracional. Contudo, o percurso exe-gético tomado aqui busca promover a forma como os autores se aproximam na discussão identitária do indivíduo enquanto ser não universalizável.

A fim de compreender a definição adorniana de *Tabu*, necessita-se retomar o debate teórico educacional proposto pelo autor. Segundo ele, o processo formativo institucional possui sua importância na negação do hitlerismo e de qualquer prática que se aproxime da repetição da ideologia totalitarista. Para o autor é fundamental que “Auschwitz não se repita”⁶, pois este simboliza o resultado extremo do desenvolvimento da barbárie. O autor indica que o caráter anticivilizatório da sociedade é gerado na modernidade justamente pelos elementos e características extremas da debilitação do sujeito. Portanto, torna-se necessário conceituar a educação no sentido de ser dirigida a uma autorreflexão crítica, eliminando o aspecto moderno de desagregação dos homens e das suas instituições sociais.

A análise adorniana da educação traz outras implicações que fogem do campo da interpretação funcional da escolarização antibarbárie, e entram numa abordagem psicológica social. Enfoca-se aqui, como recorte figurativo da problemática educacional, a figura do docente no domínio da sociedade. Buscando compreender a imagem do professor em sua gênese histórica e representativa, o autor comenta, no texto *Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar*⁷, que a resistência das crianças e dos adolescentes diante do profissional responsável pela sua formação possui como uma das causas a precoce separação entre os educandos e seu núcleo familiar. Esta separação – junto com a civilização que lhes é imposta, bem como às renúncias que deles são exigidas – acionaria um sentimento ambíguo, de amor e ódio em relação ao professor, e ressuscitaria nas crianças e nos (modificação aceita)adolescentes (quase de maneira automática

6 ADORNO, 1995a, p.119.

7 Tabus que pairam sobre a profissão de ensinar, In: ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

ou com ajuda de seus pais) as imagens tradicionais e ideológicas do professor acumuladas no curso da história.

3.0 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

As imagens do docente resultantes da herança logocêntrica da verdade aproximam-se daquelas que Derrida busca analisar e desconstruir por meio da linguagem. As percepções da figura do professor são desmanteladas por Adorno, ao mesmo estilo derridiano. Tais noções imagéticas são usadas como forma de desvelar as instituições de dominação presentes no contexto educacional.

O professor enquanto ser social possui suas caracterizações originadas no covarde ocioso que não porta armas, no vendedor de conhecimentos, no escriba, no copista, no preceptor como um laçao melhor e serviçal, no “verdugo”, no tirano da escola que apenas constitui uma paródia do poder; em um fracote que castiga, que argumenta mais extensamente e poderosamente, sem dar chance para alguém contradizê-lo; em um carcereiro, em uma “espécie de aleijados, como pessoas sem função na vida real, no real processo de produção da sociedade, que contribuem apenas de uma forma difícil de averiguar e pela via de uma graça que lhes foi concedida” (Adorno, 1995a, p.93), e, apesar de tudo isso, o professor ainda é necessário.

A fim de que a escola cumpra seu papel formativo, sempre em oposição à barbárie, Adorno chama a atenção para a importância de a instituição (modificação aceita) libertar-se dos tabus que pairam sobre ela. Estes tabus são caracterizados por meio (modificação aceita) de representações inconscientes e conscientes dos cidadãos e dos próprios professores a respeito da profissão docente (Adorno, 1995a). O autor defende como possível solução desta problemática que a escola possua uma ampla abertura para com os cidadãos, a qual possibilite enfrentar os discursos e críticas fundadas em preconceitos provenientes destas representações ocultas. Contudo esta abertura deve ter limite suficiente a ponto de que a escola não perca sua especificidade, ou seja, de desbarbarização da sociedade.

Este enfrentamento dos discursos ideologicamente reproduzidos na tradição educacional retoma a caracterização da Dialética Negativa enquanto promotora da autorreflexão. O embate aos discursos monolíticos do conhecimento se concretiza no que Adorno chama de “abertura” dos discursos representativos. Tal abordagem assemelha-se à Desconstrução derridiana do texto/

discurso socializado. Nessa mesma perspectiva, encontra-se, por exemplo, a “différance” entre força e violência, formação e deformação, objeto e conhecimento. Não por acaso, a interpretação adorniana da formação da identidade subjetiva e autorreflexiva (Adorno, 2009) pode ser apresentada como uma precursora da incondicionalidade do sujeito não-idêntico de Jacques Derrida.

Como base da hipótese levantada, torna-se presente o vínculo entre a teoria da “différance” e os princípios da Dialética Negativa por compartilharem preceitos e objetivos comuns. Desde a valorização da efetivação do sujeito enquanto indivíduo único, não dominado pelas regras exteriores a sua consciência social, até o total abandono do processo de padronização e homogeneização do monismo metodológico, baseado na unicidade do real. As duas teorias admitem a contribuição dos escritos marxianos e de suas teses descontínuistas nestas projeções teóricas. Além disso, Derrida declara abertamente ser herdeiro da Escola de Frankfurt enquanto filósofo defensor da não-identidade (Derrida, 2002), demonstrando em seu projeto de teorização uma preocupação frequente pela reformulação política do sujeito. Por fim, destaca-se também a coincidência do contexto histórico dos dois autores, ambos de origem judaica, marcados pela sucessão significativa de exílio e adaptação em diferentes países, o que salienta ainda mais qualquer tentativa de compará-los academicamente.

4.0 REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: COHN, Gabriel (Org.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Minima Moralia**. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

_____. **Palavras e sinais**. Tradução de Maria Ruschel. Petrópolis. Vozes: 1995b.

_____. **Dialética Negativa**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENJAMIN, W. Pour une critique de la violence. In: **Mythe et violence**, Paris: Denoël, 1971.

DERRIDA, J. **Positions**. Paris: Minuit, 1972.

_____. **Espectros de Marx**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994a.

_____. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papirus, 1991.

_____. **Politiques de l'amitié**, Paris: Galilée, 1994.

_____. **De l'hospitalité**. Paris: Calmann-Lévy, 1998.

_____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Fichus**. Paris: Galilée, 2002.

_____. **Força de lei – o “fundamento místico da autoridade”**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DERRIDA, J. & ROUDINESCO, E. **De que Amanhá.....Diálogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Derrida, Marx e seus espectros: reconstituindo um debate. In: SANTOS, Alcides Cardoso dos (Org.). **Desconstruções e contextos nacionais**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

PUCCI, B. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: ZUIN, A.A.S.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; PUCCI, B. (Org.). **A educação danificada**. Petrópolis, Vozes, 1996.

SKINNER, Anamaria. Espectros de Marx: por que esse plural? In: GLENADDEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (Org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

TÜRCKE, C. Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa. In: ZUIN, A.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. **Ensaios frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004.

WIGGERHAUS, R. **A escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

ZUIN, A.A.S. et al. **Adorno**: o poder educativo do pensamento crítico. Petrópolis: Vozes, 2000.